



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Federal de Alfenas/UNIFAL-MG  
*Instituto de Ciências Humanas e Letras – ICHL*  
*Grupo de Pesquisas Linguísticas Descritivas, Teóricas*  
*e Aplicadas - GPLin*



## REGISTRO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E MEMÓRIAS DE VELHOS EM LUMINÁRIAS, MG

Gleicimara de Fátima Dias<sup>1</sup>

Celso Ferrarezi Jr.<sup>2</sup>

### Introdução

O presente estudo trata de expressões orais e memórias de velhos<sup>3</sup> residentes na cidade de Luminárias, MG.

O interesse pela referida cidade veio do conhecimento pessoal e das lembranças da pesquisadora, que teve seus avós maternos naturais de Luminárias. Além disso, o perfil da cidade e de seus moradores se encaixava perfeitamente no que era buscado no projeto maior em que esta pesquisa se insere, sendo que, em Luminárias, o objeto de estudo se acentuava pela manutenção histórica de certo isolamento cultural que a cidade mantém até hoje, a despeito de estar tão próxima de cidades de médio porte como Lavras e Varginha. O acesso difícil à cidade (até recentemente sequer havia estrada asfaltada para tanto) pode explicar parcialmente este fato.

Para sua realização, foram entrevistadas pessoas com mais de 64 anos de idade que, através de narrativas de história oral, relataram suas experiências de vida, seus conhecimentos e visão de uma pequena cidade que viram ser emancipada e que possui um patrimônio cultural enorme, mas ainda pouco explorado. Aqui, consideramos que:

---

1Graduanda em Letras-Português, membro do Grupo de Pesquisas Linguísticas Descritivas, Teóricas e Aplicadas - GPLin.

2Orientador. Professor titular de Semântica. ICHL/UNIFAL/MG.

3 Usamos, neste trabalho, o termo “velho”, uma vez que é assim que está instituído na cultura linguística, porém nunca com carga negativa, mas como demonstração da experiência humana e como sinônima de passagem do tempo.

História oral é um recurso moderno para elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas. Ela é sempre uma história do tempo presente e também conhecida como história viva (MEIHY, 1996, p.13).

A intenção do trabalho é registrar histórias e expressões que, a despeito de sua importância cultural, caíram ou estão caindo em desuso, devido ao tempo e ao advento da tecnologia, essas histórias e expressões estão guardadas apenas nas memórias dessas pessoas e que se perderão caso não sejam devidamente registradas.

Segundo Bosi (1994), “o principal esteio do método... [é] a formação de um vínculo de amizade e de confiança com os recordadores” (p. 37). Como pudemos notar ao longo da pesquisa, esse vínculo faz com que os sujeitos entrevistados se sintam pessoas “importantes” e com que seus relatos, o contar de seu passado, se torne um ato relevante.

Muitas vezes, o velho tem uma representatividade pouco significativa na sociedade e é deixado de lado, se isolando em um mundo de silêncio, ocultando seu passado, como se fosse algo que não tivesse nenhuma importância. É como se, desta forma, estivesse esperando somente o findar de seus dias, tendo consigo a certeza de que nada mais pode contribuir. Esconde, assim, a história de anos e anos de vivência, história essa que, muitas vezes, contribuiu para a formação da mesma sociedade que hoje lhe nega espaço.

Quando iniciamos nossa pesquisa com os velhos da cidade de Luminárias, no primeiro momento nos deparamos com pessoas tímidas, retraídas, que possuíam um olhar distante. Somente quando explicamos os objetivos do trabalho e que todo seu conhecimento era muito importante para a pesquisa, não somente para a pesquisadora, mas também como expressão da identidade e forma de conservação da história da cidade em que moram, ou seja, apenas quando mostramos que eles são fundamentais no contexto no qual estão inseridos, é que vimos suas expressões mudarem. A partir daí, foi como se, em seus relatos, encontrassem um novo brilho para seus olhos e um novo sentido para suas vidas por estarem contribuindo com este estudo. De alguma forma, foi como se eles se transportassem para aquele momento relatado. Davam-nos a impressão de que estavam naquela Luminárias de sua infância, na qual muitos dos entrevistados disseram ser mais felizes do que hoje.

Quando perguntávamos para eles sobre sua infância, festas antigas, comidas da época, histórias de fantasmas, entre outros temas, eles pareciam surpresos com nosso interesse e, ao mesmo tempo, se mostravam envergonhados, pois, segundo disseram, “esses conhecimentos são coisa de gente atrasada”. Isso mostra como, tristemente,

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade (BOSI, 1994, p. 63).

Por isso, nosso intuito, além da coleta e do registro das experiências e conhecimentos pessoais foi, também, mostrar a essas pessoas que elas ainda eram membros da sociedade e que muito ainda podem contribuir.

Nossos encontros se desenrolaram, a partir desse momento, como verdadeiras aulas de História. Ver como aquela pequena cidade teve início, perceber o tamanho da cultura e do conhecimento que esses velhos possuem - embora cada vez mais esquecidos nos dias de hoje - permitiram a concretização de um trabalho prazeroso e produtivo.

O despertar dessas memórias como parte importante na construção da referida comunidade fez com que a autoestima de cada entrevistado se elevasse. Isso permitiu que percebessem que seu conhecimento não estava ultrapassado, “como um velho paletó, guardado no fundo do guarda-roupa, que ninguém mais quer usar”. Aliás, essa frase que resume de maneira tão forte a situação desses velhos foi dita por um dos entrevistados.

Este relato final dos trabalhos realizados está dividido em quatro partes principais. Na primeira, apresentaremos um pouco da história de Luminárias como forma de localizar o leitor no contexto histórico-social e geográfico da pesquisa. Quando possível, usaremos as próprias falas dos entrevistados nesse relato. Na segunda parte, faremos uma breve revisão teórica sobre a História Oral e a Semântica de Contextos e Cenários que guia nosso trabalho na compreensão dos relatos. Na terceira parte, apresentaremos a metodologia seguida na pesquisa de campo e finalmente, na última parte que antecede as conclusões, apresentaremos alguns dados significativos que colhemos juntos aos informantes, a saber, histórias locais e expressões da fala regional.

## **1. Luminárias: um lugar iluminado pelo tempo e pela História**

Luminárias é uma pequena cidade localizada no Sul de Minas Gerais e com uma população de menos de 6.000 habitantes. Rodeada de montanhas, com uma vegetação rasteira que possui um verde escuro marcante, Luminárias faz parte da rota turística da Estrada Real<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.institutoestradaareal.com.br/estradaareal>> Acesso em: 24 de nov de 2017.



Figura 1: Vista da cidade de Luminárias MG, entre as montanhas que também ganham o mesmo nome.

(Foto da autora)

Cidade com o sossego típico das cidades pequenas mineiras, com um povo que leva uma vida tranquila e sossegada, possui uma alta população de idosos, que ainda podemos ver conversando nos bancos das praças, contando seus casos em um estilo de vida pacato.

A cidade de Luminárias é importante destaque no ramo da extração de pedras de quartzito<sup>5</sup>, que também recebem o nome de “pedras carranquinhas”. Tradicionalmente, possuem uma cor branca, porém as de Luminárias são mais escuras, algumas vezes, possuindo uma característica rara, como desenhos em formato de ramos, que segundo um dos informantes da pesquisa, ocorre devido à infiltração das águas no meio delas.



Figura 2: Quartzito de Luminárias, com características próprias. <sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Rocha metamórfica cujo componente principal é o quartzo (75% como ordem de grandeza). Disponível em: <<http://sigep.cprm.gov.br/glossario/verbete/quartzito.htm>> Acesso em: 24 de nov de 2017.

Conforme página oficial da Prefeitura Municipal de Luminárias<sup>7</sup> na Internet, a cidade ganhou este nome devido a sua proximidade com a serra de mesmo nome, uma vez que lá apareciam pontos luminosos de origem desconhecida até hoje.

Mesmo com essa definição oficial referente ao nome dado para a cidade, quisemos ouvir de entrevistados porque a cidade ganhou o nome de “Luminárias”. E cada um tem uma versão dos pontos luminosos que apareciam antigamente na serra com mesma denominação.

No primeiro momento iremos destacar três versões dadas pelos informantes da pesquisa<sup>8</sup>.

Tivemos a preocupação de que, em todas as histórias relatadas pelos informantes mantivesse a oralidade das conversas sem querer modificá-las, sem ter o objetivo de “corrigir” a língua falada. Assim, as concordâncias nominal e verbal, bem como outras formas de construção, aparecem, algumas vezes, sem seguir a variedade de prestígio, uma vez que foram transcritas conforme relatadas durante as entrevistas.

A população de Luminárias possui um modo de falar bem típico. Quando estão falando, as palavras saem “melodiosas”, em um “caipira cantado”. Mesmo sendo observada uma proximidade com a variedade linguística presente no Sul de Minas Gerais, a fala da população de Luminárias vai além disto. Esta é mais uma razão pela qual seu falar é muito importante neste trabalho.

Sabe-se que, muitas vezes, que o falar comumente chamado de “caipira” (que é a variedade predominante na cidade de Luminárias) sofre muitos preconceitos e essa prática social reprovável de considerar certos falares melhores do que outros precisa ser revista à luz da reflexão de Marcos Bagno:

O brasileiro sabe o seu português, o português do Brasil, que é a língua materna de quase todos os que nascem e vivem aqui, enquanto os portugueses sabem o português deles. Nenhum dos dois é mais certo ou mais errado, mais feio ou mais bonito, são apenas diferentes um do outro, e atendem às necessidades linguísticas das comunidades que os usam, necessidades que também são diferentes! (BAGNO, 1999, p.49).

---

6 Disponível em: [http://br.geoview.info/pedreira\\_extracao\\_pedra\\_carranquinha\\_luminarias.15448445p](http://br.geoview.info/pedreira_extracao_pedra_carranquinha_luminarias.15448445p) Acesso em: 24 de nov de 2017.

7 Disponível em: <http://luminarias.mg.gov.br> Acesso em: 24 de nov de 2017.

8 Serão chamados assim, no intuito de preservar suas identidades, embora nenhum deles tenha se oposto a que seus nomes aparecessem no relatório da pesquisa.

Vejamos a seguir três relatos do fenômeno da “luz misteriosa” apresentados pelos informantes falando sobre a origem do nome da cidade:

#### Relato Informante 1:

“Luminárias começou onde é a Igreja Velha<sup>9</sup>, quando começou era uma freguesia, um povoadinho pequeno, pequeno. Já ouviu falar na luz que aparecia lá na serra? A luz que batizou a nossa cidade? Pois é, não é mentira não sô, eu vi! Tinha uma luz amarela da cor do sol. Quando era noite escura por demais, ocê via uma luzinha lá na serra, no fundo e esta luzinha ia crescendo até ficar uma bola amarela. Ninguém incomodava de ir lá ver, eu achava que era alguma alma penada, desassossegada e tinha medo. Era novo e vi muitas vez.”

#### Relato Informante 2:

“E parece essa luz lá. Uns diz que é diamante, outro diz que é mãe-de-ouro. Eu não sei. Diz que bria que nem fogo. Di primeiro, dizia que aparecia muito lá no alto da serra. E eu falava: - Nossa Senhora do Carmo, vai queimá tudo! Chegava lá e não tinha nada de queimado. Eu só vi duas vez e pensei que um dia ainda ia arrancar os ouro de lá.”

#### Relato Informante 3:

“Eu já vi três vez a luz na serra, pensei que o mundo tava acabano. Era uma bola enorme que passou no terrero de casa e iluminou tudo, ficou clarinho, clarinho feito o dia. Se Luminárias ganhô o nome por causa da tal luz, acho que se tornou iluminada”. (risos)

Como se pode ver, até o próprio nome da cidade é envolvido em uma aura mística. O isolamento geográfico próprio da posição entre montanhas, a cultura local centenária, o baixo nível geral de escolarização e a presença religiosa marcante no local são elementos que se fundem para criar uma visão de mundo muito marcada por “causos” sobrenaturais e um vocabulário repleto de peculiaridades locais. Sua proximidade com São Tomé das Letras, outro lugar místico (misticismo, inclusive, economicamente explorado) aumenta essa tradição.

---

<sup>9</sup> Termo usado pelos moradores de Luminárias para definir a primeira igreja católica da cidade. A cidade possui duas igrejas católicas.

Hoje, Luminárias sobrevive economicamente da agricultura e da exploração mineral, mas continua muito dependente das cidades vizinhas para a maioria das questões complexas, especialmente quanto ao atendimento médico especializado e à educação superior. O turismo em Luminárias ainda é muito insipiente. A cidade a que Luminárias mais recorre é Lavras, embora haja uma vínculo histórico muito forte também com Varginha.

## **2 Uma breve revisão teórica**

Esta pesquisa é guiada, principalmente, pela Semântica de Contextos e Cenários SCC. Trata-se de uma vertente brasileira de Semântica Cultural que permite a compreensão dos relatos e das expressões faladas pelos entrevistados no contexto linguístico e no cenário extralinguístico em que são produzidos. Isso dá mais fidelidade à interpretação, que se torna também mais ampla e coerente com a realidade cultural dos informantes.

Conforme Ferrarezi Jr. (2013), “hoje, sabemos, entre outras coisas, que a cultura de uma comunidade não apenas interfere na atribuição de sentidos a uma palavra, mas interfere até na própria estrutura gramatical da língua que ali é falada” (idem, p.73). Por isso, a língua terá diferentes sentidos, dependendo da cultura em que está inserida, palavras sofrerão modificações de significado dependendo da região e das comunidades em que são utilizadas.

Segundo a SCC, podemos entender uma língua natural “como um sistema socializado e culturalmente determinado de representação de mundos e seus eventos” (ib., p.12). Assim sendo, a compreensão de qualquer produção linguística carece de uma inserção nos ambientes sócio-histórico e cultural em que ela é produzida. Assim, a SCC nos leva a perceber que as línguas naturais são modificadas por interferência da cultura, na medida em que precisamos representar com ela as coisas que estão ao nosso redor. É por meio dela que nosso “conhecimento de mundo” pode ser definido, pois a cultura da qual a língua faz parte é determinante nesse aspecto. Em outras palavras, nossa visão cultural de mundo se reflete em nossa linguagem cotidiana.

Essas diferentes visões de mundo que a língua reflete, culturalmente falando, é que fazem com que o estudo das comunidades de falantes, especialmente aquelas que se diferenciam da nossa de maneira singular, seja tão interessante e revelador, pois essa trajetória científica permite que entendamos os mais variados aspectos da cultura dessas comunidades por meio de sua língua.

Assim sendo, os sentidos<sup>10</sup> que a língua assume no falar dos velhos luminarenses, os tornam únicos, pois são construídos histórico-culturalmente ao longo da formação da sociedade dessa pequena cidade, fazendo com que a língua tenha uma identidade própria, conhecida somente dos falantes de Luminárias (principalmente os velhos). Essa singularidade é o nosso objeto de estudo.

Esses sentidos mencionados dependem grandemente dos cenários<sup>11</sup> no qual estão inseridos. Por isso, as experiências pessoais de cada indivíduo é que vão, em grande medida, determinar o conjunto de conhecimentos que farão com que cada fala seja única em seus aspectos culturais e representativos.

Além da SCC, a metodologia e os pressupostos de estudo da história oral tiveram grande relevância na construção deste trabalho. Em função disso, foi lido, entre outros textos, o “Manual de História Oral”, de José Carlos Meihy (1996), que define a história oral como “uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado”. (p.10).

Esse *continuum* histórico ficou bastante claro ao longo da pesquisa. Pela análise das conversas com os velhos, percebemos que cada história não é somente particular daquela pessoa, mas também faz parte da história daquela comunidade, do nascimento da cultura daquele povo e cada um dos depoimentos é uma fonte rica de conhecimentos e vivências, agregando tradição e identidade aos moradores da cidade. O passado fica mais claro na memória dessas pessoas, que tem muito para contar, sendo a história oral é o principal meio para a expressão e a possibilidade de registro destes relatos.

Meihy fala da contribuição que a história oral tem para a vida social das pessoas, como forma de identidade da cultura à qual pertencem.

A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral e não só oferece uma mudança para o conceito de história, mas, mais do que isto, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e a sentirem-se parte do contexto em que vivem (MEIHY, 1996, p. 10).

---

10 Conforme FERRAREZI JR. (2010, p. 40), “O sentido é a ideia compartilhada sobre o referente, isto é, “é entendido por todos que estejam suficientemente familiarizados com a linguagem ou com a totalidade de designações a que ele pertence.”

11 “Além de um conjunto de conhecimentos culturais e de um processo de atribuição de sentidos progressivos em um roteiro cultural, o cenário compreende todos os fatores relevantes do ponto de vista dos interlocutores para a especialização dos sentidos finais.” (FERRAREZI JR., 2010, p. 120).

O trabalho de Ecléa Bosi (1999), também teve grande contribuição para a construção desta pesquisa. Lendo seu livro, percebe-se uma leveza e uma sutileza e ao mesmo tempo, a constante preocupação em relatar as histórias dos velhos de São Paulo. Percebe-se uma São Paulo bem diferente da de hoje, “inicial” no contexto histórico. E se vê como cada entrevistado teve grande contribuição no desenvolvimento dessa metrópole, contribuição que certamente teriam se perdido no tempo caso essas histórias não fossem registradas. O mesmo se aplica ao atual estágio de desenvolvimento de Luminárias, em que uma juventude conectada pelos celulares à rede mundial de computadores está perdendo esse saber histórico que apenas os velhos ainda conhecem.

A autora faz uma linda definição de cada sujeito entrevistado de forma quase poética. Parece que consegue ver o interior de cada um dos entrevistados, trazendo para si a importância desses, na construção da cultura na qual estão inseridos:

“Por que temos que lutar pelos velhos? Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara” (BOSI, 1994, p.18).

Em certa medida, ao registrar as expressões do falar regional e parte das tradições orais de Luminárias, nossa pesquisa caminha nessa mesma direção de preservação de saberes humanos que, caso não sejam registrados, muito em breve se perderão. Isso inclui uma luta contra o preconceito pelo qual esses velhos estão socialmente cercados.

Marcos Bagno, em sua obra “O preconceito linguístico”, enfatiza que as pessoas que não utilizam a variedade linguística de prestígio são estigmatizadas pelo seu modo de falar. Isso ocorre porque, infelizmente, não há entendimento, da parte da maioria da sociedade, de que esse modo peculiar faz parte de sua cultura, ou seja, que é sua legítima variedade linguística e a principal marca de sua identidade histórico-cultural.

Sendo assim, a variedade falada pelos velhos sujeitos desta pesquisa tem papel fundamental na construção e na manutenção da identidade cultural da cidade de Luminárias e não deve se perder. Isso faz com que nosso trabalho se revista de uma importância especial, que é a valorização da variedade linguística presente nessa cidade. O “cantar” que já foi mencionado anteriormente e que é peculiar nas falas dos luminarenses e um tipo de “brejeirice mineira” encontrado no comportamento de cada um deles são fontes ricas de cultura e chaves essenciais para a compreensão da História e da visão de mundo construídas em Luminárias.

### **3 Histórias e mais histórias: metodologia e amostra dos resultados da pesquisa**

#### **3.1 Metodologia e desenvolvimento da pesquisa**

Este projeto nasceu como parte integrante de um projeto maior, a “Construção do Dicionário Sul-Mineiro de Expressões Idiomáticas”, devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UNIFAL-MG (CAAE-4267015.0000-5142) e posteriormente se transformou em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Metodologicamente, a pesquisa seguiu os mesmos procedimentos do projeto que a abriga, a saber, utilização dos métodos tradicionais da pesquisa bibliográfica seletiva e da pesquisa linguística de campo com coleta informal e com coleta formal de dados espontâneos e avaliação qualitativa dos resultados (FERRAREZI JR., no prelo). Para tanto, foram seguidos os passos abaixo:

- a. exploração e seleção do material bibliográfico relacionado ao tema no município;
- b. fichamento do material selecionado, contendo a síntese das ideias dos principais autores – quando houver - que abordam o tema em questão;
- c. promoção da coleta do corpus, que será viabilizado de duas formas:
  - 1º - através de fontes escritas na região, como jornais e textos de Internet e de fontes orais de mídia, como as rádios locais e regionais;
  - 2º. -observação de interações informais entre pessoas em locais públicos como feiras e mercados e entrevista pessoal com pessoas nascidas na região, preferencialmente com idade acima de cinquenta anos conhecedoras do falar tradicional, sem grande influência de nível elevados de educação formal (por essa razão, o TCLE teve sua linguagem adaptada ao nível presumido de educação formal e compreensão da linguagem padrão dessas pessoas);
- d - seleção do material recolhido a ser analisado;
- e - análise do material selecionado, tendo-se em vista os objetivos do projeto e a teoria adotada em questão;
- f - elaboração de um relatório da pesquisa na forma deste artigo científico.

No desenvolvimento da pesquisa de campo, foram entrevistadas onze pessoas com mais de 64 anos de idade, que de um jeito muito simpático nos receberam em suas casas. Ao todo, a pesquisa durou um período de oito meses, incluindo a parte teórica e de campo.

Muitas vezes, durante as entrevistas, nem era preciso fazermos muitas perguntas, pois, talvez por carência ou vontade de serem percebidos e ouvidos, os velhos já iam contando sobre suas vidas, sua história que, muitas vezes, eram recheadas de conhecimentos históricos e tradição. Nessas entrevistas, os procedimentos de pesquisa em História Oral foram essenciais no colhimento das informações obtidas. Esses encontros se caracterizaram como verdadeiras aulas de História e de vida:

- *Vamohegá!*

Com esta expressão éramos sempre recebidos, já revelando a simplicidade e simpatia do morador ou moradora ali presente.

- “*Ocê é fia de quem? ou “Quem é sua família?*” era o certificado de procedência que estabelecia o laço inicial e a relação de confiança que marcaria a entrevista no seu desenrolar, uma relação de confiança que já começava antes mesmo de entrarmos em suas casas.

O trabalho de campo, especificamente junto aos entrevistados, durou cerca de cinco meses, com viagens frequentes a Luminárias, com o objetivo de entrevistar um número relevante de velhos e colher o máximo de expressões e histórias ditas por esses sujeitos integrantes da pesquisa. Foram visitas regadas a um bom café fresco que, às vezes, vinha acompanhado das “quitandas” feitas por eles mesmos, que foram estreitando os laços entre entrevistados e a entrevistadora.

As visitas foram realizadas, na maioria das vezes, nas suas casas, pois a maioria dos informantes ainda mora com suas famílias, com filhos ou mesmo seus cônjuges. Porém, algumas das visitas ocorreram no asilo da cidade, que em Luminárias é chamado de “Vila”. Questionamos esta denominação com alguns informantes, mas ninguém soube responder porque o asilo tem este nome. Dos onze entrevistados, seis foram na Vila. Entre estes, destacamos uma senhorinha com 104 anos que, infelizmente, no decorrer da pesquisa, faleceu devido à idade avançada.

O asilo de Luminárias não é muito diferente dos asilos encontrados em outras cidades interioranas brasileiras. Lá os velhos recebem abrigo e comida, mas, o mais importante, que é carinho, amor e atenção, fica para trás e é escasso naquele ambiente. Neste local, podemos perceber que diversos fatores (que não vem ao caso para a pesquisa realizada) levou os velhos até lá. E pudemos constatar que, com as visitas realizadas, esses velhinhos que, muitas vezes, estavam tristes e cabisbaixos, ficavam felizes em relatar suas histórias, estas, cheias de cultura e de lembranças pessoais que eles demonstravam interesse em que fossem preservadas. Essas histórias e a linguagem nelas utilizada é o que passamos a relatar a partir de agora.

### 3.2 Histórias que só os velhos contam

Pelos relatos dos velhos entrevistados, podemos perceber o quanto é incrível e rica a cultura na qual estão inseridos. Em cada olhar, em cada lembrança, dá para perceber o orgulho de fazerem parte dessa sociedade, de ter visto a fundação de sua cidade e, para muitos, de ter ajudado em sua construção.

Foram várias histórias ouvidas, as quais ficarão registradas para fazer parte da construção do dicionário do falar regional sul-mineiro, como antes citado. Para este trabalho, destacamos as que foram repetidas por todos os entrevistados, mesmo apresentando versões diferentes, particulares de cada um.

Não há como saber se são histórias verídicas e se, de fato, aconteceram. Aliás, nem é esse julgamento sobre a veracidade do relato o nosso objetivo aqui, tampouco a classificação dessas histórias orais em *lendas*, *mitos* ou  *fatos reais*. Porém, há de se notar que elas se repetem com muitos aspectos em comum (ou seja, são parte do imaginário popular compartilhado na região) e muitas vêm acrescidas de um “certificado de autenticidade” que é a afirmação de que o fato foi testemunhado pelos informantes o que, em última instância, pode ser uma forma de acrescentar credibilidade ao relato popular. Isso, se ocorreu, não tem qualquer relação com a honestidade ou a desonestidade dos informantes, mas com o fato de que esses relatos populares se prestam a esse tipo de “testemunho”, mesmo que não sejam verdadeiros. É, como poderíamos, dizer, “parte do jogo” folclórico das narrativas orais que assim seja.

Vamos apresentar três versões da história do “*Negrinho D’água*”, que, conforme relatos, trata-se de um menino bem pequenino que habita as águas do Rio Grande (que passa na entrada da cidade).

Relato Informante4:

“Eu vi, mas só um pouquinho e não vi mais. Tava na canoa pra pescá e ele apareceu, pretinho...pretinho...Tinha o tamanho do meu braço e os óios arregalado. Credo! Tem um dedinho só cheio de pelos. Quando me viu pulou na água. Deve de morá lá embaixo. Bicho feio, sô!”

Relato Informante8:

“Ele ficava no meio fio da ponte. Era um neguinho de olhos brancos e arregalados. Parecia um menininho, só que tinha um cabelo diferente, um cabelo que ia no corpo todo, até nas pernas dele tinha cabelo. Se ele percebesse uma pessoa, ele mergulhava. Eu vazei na braquiara quando eu vi este neguinho medonho.”

#### Relato Informante 11:

“Diz que um dia um sinhô foi pescá no rio com sua canoa. Quando vê, viu aquela mão pretinha, tentando puxar a canoa. Ele pegou o facão e cortou seu dedo, o dedo caiu dentro da canoa. Ele ficou com medo e jogou o dedo na água. O sinhô disse, que ainda viu ele sentado na pedra, feio pra daná, era parecido com um sacizinho.”

Como se pode ver, a despeito de pequenas discordâncias sobre a forma física do Neguinho, as pessoas compartilham a ideia do tamanho, do local das aparições e da forma que elas acontecem. Haveria alguma razão lógica para essa história, mesmo considerando que a entidade seja imaginária (o que não afirmamos, apenas consideramos como hipótese interpretativa)?

Lembremos do fato de que a ponte do Rio Grande é o limite inicial da cidade. Uma entidade assim serve tanto para espantar pessoas indesejadas como para evitar que crianças saiam dos limites da cidade, especialmente durante a noite. Em muitos locais do Brasil, histórias semelhantes são contadas com a finalidade de disciplinar ou estabelecer limites para crianças. A famosa loira dos banheiros das escolas brasileiras é um caso clássico. Se é nos banheiros das escolas que as maiores malandragens acontecem, é bem conveniente que os banheiros sejam assombrados, para que as crianças permaneçam o mínimo tempo necessário dentro deles. Vejamos, agora, a história da “Água Santa”.

A Água Santa é um pequeno poço que fica no pé da Serra de Luminárias, com águas fundas e escuras. Segundo os informantes, ela recebeu esse nome por ser milagrosa e a ter o poder de curar doenças, se tomada constantemente.

#### Relato Informante 2:

“Papai falô que uma vez um homem estava com uma ferida na perna, tomou desta água durante uma semana e banhô a ferida. Saiu curado!”

#### Relato Informante 1:

“Essa água santa existe porque minha mãe me dizia que foi jogado lá uma imagem de Nossa Senhora do Carmo (padroeira da cidade) e um crucifixo, por isso tem este nome e ela depois disso ficou santa mesmo. Quando a gente chega a água tá calminha, calminha e se falar alguma coisa a água começa a borbulhá.”



Figura 3: Poço Água Santa (Foto da autora)

Há, nos relatos colhidos, histórias de outros lugares que receberam nomes diversos, devido a alguma crença local. Citamos, como exemplo, o Portão de Pedra, que fica no alto de uma montanha e tem o formato de um portão. Segundo nos foi relatado, ele era um portal que servia de passagem deste mundo para outro e até hoje é envolvido em um armístico.

Sobre a Água Santa, é típico que haja, nas localidades afastadas e carentes de assistência médica, um conjunto de crenças que permitam às pessoas algum tipo de esperança de cura local. Assim, é comum encontrar árvores com folhas santas, fontes de água e até areias santas em diversos lugares do Brasil. Mesmo que, cientificamente, esses materiais não apresentem características físicas que justifiquem a crença, eles sempre estão relacionados a um conjunto de histórias de curas milagrosas e inexplicáveis que dão sustentação a elas histórias.

Vejamos, agora, um relato sobre essa questão da toponímia, com a “Cachoeira da Fumaça”.

A Cachoeira da Fumaça, que batizou com o mesmo nome a antiga usina que fornecia energia aos luminarenses, mesmo que de forma precária, ganhou este nome devido à queda d'água produzir grande quantidade de vapor quando suas águas caíam nas pedras.

#### Relato Informante<sup>9</sup>:

“O Carnaval era a mió festa que tinha aqui por essas bandas. A maioria do povo vivia na roça. Então, quando era carnaval, vinha para a cidade de carros de boi, vinha umas moças muito bonita, formosa, mas era vigiada pelo pai, que era muito

bravo. Tudo era diferente de hoje: tinha a dança das fita, alguns homi vestiam de muié, era engraçado(risos). Lembro do pedacinho da musiquinha que foi feita para o carnaval daqui que eu cantava sempre:”

*“Você falou que eu acho graça  
Porque nós temo a luz da fumaça  
Deixa acendê  
Deixa alumiá  
Porque no claro é mio pra noispulá  
O sô Jaci, não tem problema, porque ele é luminarensense da gema”*

Como se pode verificar, até marchinha de carnaval foi escrita utilizando a história local e a toponímia relacionada, fazendo piada de se tirar “luz da fumaça”, o que parece, em princípio, contraditório (a fumaça atrapalharia a propagação da luz). Essa singeleza e essa simplicidade típica do interior das Minas Gerais, infelizmente, estão quase perdidas. Relatos assim só sobrevivem na mente dos últimos velhos e, se não forem registradas, serão perdidas, como a fumaça da cachoeira que se esvai com o vento...

### 3.3 Expressões e palavras que só os velhos guardam:

No quadro abaixo, estão algumas das expressões e palavras colhidas, faladas pelos velhosluminarenses. Como se poderá ver, elas conservam grande originalidade, mesmo se comparadas ao falar regional sul-mineiro. Além disso, revelam conhecimentos culturais fundamentados nas vivências desses velhos, conhecimentos que, hoje, sequer são parte do cotidiano. Vamos aos exemplos:

DADO	DATA/LOCAL	CONTEXTO	CENÁRIO	SENTIDO
<i>capoeirinha</i>	14abr 2017 conversa entre amigos.	<i>“Fui andando naquela capoeirinha rasteira”</i>	Dois amigos falando sobre andar nos matos das montanhas.	Vegetação rasteira encontrada nas serras de Luminárias.
<i>afamado</i>	15 abr 2017 conversa com pesquisadores.	<i>“O padre Waldyr era afamado por aqui”.</i>	Falando sobre a importância e a popularidade que o padre tem para a cidade.	Alguém popular, importante.
<i>Mãe véia</i>	16 abr 2017 conversa informal entre amigos.	<i>“A mãe veia era uma mulher brava; se não obedecia o coro comia”</i>	Descrição feita pelo informante referente a sua avó materna.	Termo usado para definir a avó.
<i>Di primeiro</i>	01 de mai 2017 contando caso de	<i>“Di primeiro a vida era mais fácil”</i>	Explicação que a vida era mais fácil	Tempo passado, equivale a

	sua infância.		antigamente do que agora.	“antigamente”.
<i>popado</i>	25 de Nov 2016: conversa entre amigos.	“ <i>O Só Carlinho era popado demais</i> ”	Falando das economias feitas pelo Sr. Carlinho.	Alguém que segura dinheiro, que não gasta à-toa.
<i>Conheci meu nariz</i>	30 nov 2016: conversa entre familiares.	“ <i>Só conheci meu nariz quando vim embora para a cidade.</i> ”	Explicação de quando se tornou uma pessoa independente.	Ser independente, não depender mais de seus pais.
<i>traição</i>	4jun de 2017. Conversas dos velhos sentados na praça.	“ <i>Antigamente a traição era a coisa mais boa que tinha por aqui. Conhecíamos várias meninas, até me casei devido à traição.</i> ”	Velhinhos comentando sobre os bailes de antigamente, onde o dono da casa não sabia e todos chegavam para dançar.	Certo tipo de baile, certa festa de antigamente em que o dono da casa não sabia que sua residência era a escolhida e os dançantes chegavam de surpresa.
<i>Desamorto por viado</i>	10 jan de 2017. Conversas entre caçadores de capivaras.	“ <i>Fiz um desamorto por viado para pegar a capivara no pasto.</i> ”	Lembrança dos velhos na época que caçavam capivaras.	Colocar um cachorro de caça para perseguir um animal. Caçar.
<i>Candongagem</i>	15 dez de 2016. Conforme informal com informante.	“ <i>Dona Maria gosta de uma candonga.</i> ”	Entrevistada da pesquisa falando sobre sua vizinha.	Fofoca, mexerico, maledicência.
<i>Foge</i>	07 de set de 2017.	“ <i>Fazia foga durante o ano para guardar os milhos colhidos para dar para as vacas.</i> ”	Lembrança do tempo em que os velhos trabalhavam na roça.	Buraco coberto com terra e capim, para conservar a safra de grãos. Um tipo de silagem.

Como não se espantar com uma afirmação como “até me casei devido à traição”e, em seguida, se encantar ao descobrir que a traição era apenas um tipo de festa local?

Realmente, essa dissonância entre culturas, tempos e saberes precisa ser mais compreendida. É necessário que nos detenhamos mais sobre esses relatos, permitindo que, se não por intermédio das novas gerações - que precisam ser conscientizadas do valor desses saberes - pelo menos, por meio de livros e registros cuidadosos.

### Considerações finais

A construção deste trabalho foi, especialmente para nós, de grande relevância. Cada caso, cada memória que os velhos iam recordando, revelam saberes que, reunidos, mostram como é vasto o patrimônio cultural de Luminárias.

As visitas eram como se nos transportássemos para o passado em suas memórias. Suas casas têm cheiro de passado: a maioria ainda tem aquela fotografia na parede que mostra a família toda. Objetos antigos, aquele café feito na hora em um moedor artesanal, tudo isso serve como forma de manutenção da identidade cultural desta pequena cidade, dando um

aspecto típico que pertence só a ela. Isso foi importante em nossa formação e em nossa humanização. Ajudou a entendermos o valor que essas pessoas e seus saberes têm, o que nos ajudará em nossa vida como docente.

Cada personagem que contribuiu como informante na construção deste trabalho nos mostrou o quanto é apegado a suas raízes. Pudemos, assim, compreender que, quando a comunidade deixa de dar a devida importância às tradições e aos saberes antigos, a própria comunidade perde suas referências culturais, perdendo assim sua essência e identidade.

Grande parte dessa identidade tem se perdido com as rápidas mudanças linguísticas que vêm ocorrendo nesses tempos de intensa difusão tecnológica. Cabe a nós profissionais a relevante participação nesse trabalho de preservação, tão urgente e tão necessário no Sul de Minas.

## Referências

- BAGNO, Marcos. (1999). *Preconceito Linguístico*. 48ª e 49ª edição. São Paulo: Edições Loyola.
- BOSI, Ecléa. (1999). *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*. 7.ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- ESTRADA REAL. Disponível em: <<http://www.institutoestradaareal.com.br/estradaareal>> Acesso em: 24 de nov de 2017.
- FERRAREZI Jr., Celso. *Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de La langue à lavie*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.
- FERRAREZI Jr., C. *Metodologia de Pesquisa em Semântica de Contextos e Cenários*. Campinas, SP: Mercado de Letras (no prelo)
- FERRAREZI Jr. e BASSO, Renato. *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2013.
- GOVERNO DE MINAS GERAIS. *Prefeitura Municipal de Luminárias*. Disponível em: <https://luminarias.mg.gov.br/cidade/historia> Acesso em: 24 de nov de 2017.
- MEIHY, José Carlos Sebe. (1996). *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola.
- SOUZA, Maria Enísia Soares de. *Os Personagens do Tempo – Uma análise dos sujeitos histórico e ideológico do homem velho*. (Dissertação de Mestrado). Guajará-Mirim, RO: Universidade Federal de Rondônia, 2004.

